



DESVENDANDO RAÍZES



UMA JORNADA ARQUEOLÓGICA PELAS
HISTÓRIAS DE IDENTIDADE DO PIAUÍ

**CARTILHA DO RESULTADO DO MINICURSO
“DESVENDANDO RAÍZES: UMA JORNADA ARQUEOLÓGICA
PELAS HISTÓRIAS DE IDENTIDADES NO PIAUÍ”
REALIZADO EM PARCERIA COM O CEAD,
FEITO PELA CASAJ, NOS DIAS 20 AO DIA 25 DE MAIO.**



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Viriato Campelo



CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA

Diretora

Livia Fernanda Nery da Silva

Vice-Diretor

Ildemir Ferreira dos Santos

Coordenadora do Setor de Produção do Material Didático

Maria do Socorro de Andrade Oliveira

Supervisora do Setor de Produção do Material Didático

Rannyelle Andrade da Silva

Análise Pedagógica

Maria Elenice Pereira da Silva

Revisão

Elizabeth Gonçalves Lima Rocha

Projeto Gráfico e Diagramação

Erik Fernando da Silva Ivanov

ORGANIZADORES

Carlos Daniel da Cruz Carvalho
Naira Emanuele corrêa dos Santos Souza
Gabriella Silva dos Santos
Maria Eduarda Lima Teixeira
Gabriela Santos Cavalcante
Leticia Maria Marques Castelo Branco
Ana Karolina de Amorim Santos
Gasiela Viana Sousa

FICHA CATALOGRÁFICA

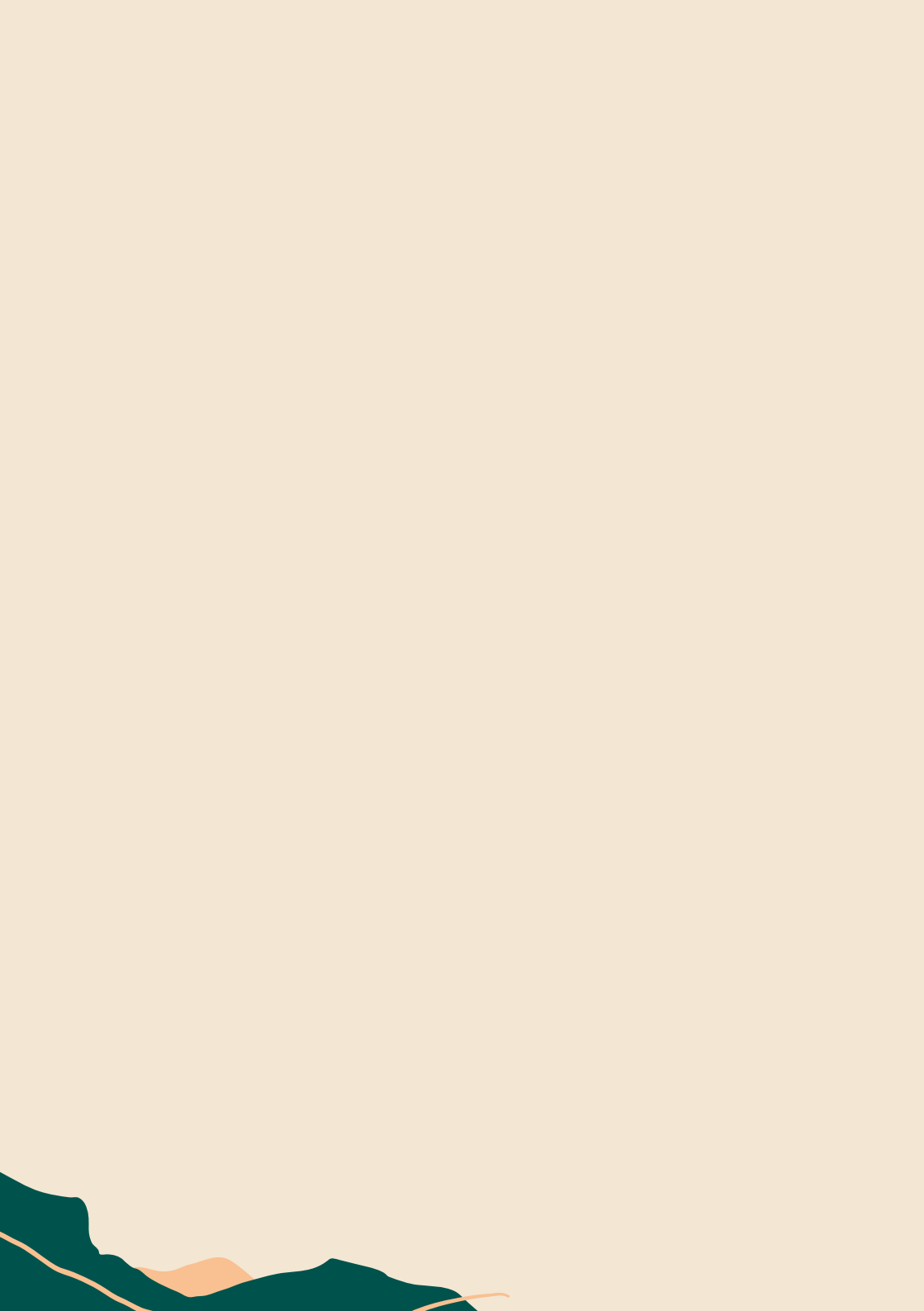
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

D478 Desvendando raízes : uma jornada arqueológica pelas histórias de identidade do Piauí / organização Centro de Educação Aberta e a Distância e Consultoria Acauã e Serviços Arqueológicos. – Teresina : EDUFPI, 2024.
38 p.

1. Arqueologia. 2. Paleontologia. 3. UFPI. 4. Minicurso.
I. Centro de Educação Aberta e a Distância. II. Consultoria Acauã e Serviços Arqueológicos. III. Título.


CDD: 930.1

Bibliotecário: Hernandes Andrade Silva – CRB-3/936



SUMÁRIO

O que é Arqueologia?	9
Paleontologia.....	10
Onde encontramos fósseis?	11
Por que isso é importante?	11
Desmistificando a Arqueologia	13
Arqueologia no Brasil: Uma História em 5 Fases	14
Arqueologia no Piauí: Um Patrimônio Importante	15
Arqueologia na Prática: Como Funciona?	17
O Sítio Ininga: Uma Descoberta na UFPI	19
Entendendo o Patrimônio Cultural Brasileiro	21
Explorando a Arte Rupestre Brasileira	22
Levando a arqueologia a diversos públicos	23
Conhecendo alguns campos da arqueologia	24
Arqueologia Sensorial	25
Arqueologia Subaquática	26
Explorando os Sítios Arqueológicos Submersos	27
Explorando os Diferentes Tipos de Sítios Submersos	28
Bioarqueologia	29
Arqueometria	30
Preservando o Passado: Leis e Regulamentos para a Conservação dos Sítios Arqueológicos	33
Referências	34





Apresentação

Apresentamos a você a cartilha resultante do minicurso “Desvendando Raízes: Uma Jornada Arqueológica pelas Histórias de Identidades no Piauí”, realizado em parceria com o CEAD e organizado pela CASAJ, entre os dias 20 e 25 de maio de 2024. Esta cartilha é um guia que explora diversos aspectos da Arqueologia, desde seus conceitos fundamentais até suas aplicações práticas no contexto brasileiro e piauiense. Sendo seu objetivo primordial, desmistificar o fazer arqueológico, apresentando as diversas áreas de estudo dessa ciência. Esperamos que esta cartilha seja uma fonte contudente de conhecimento e inspiração para todos que se interessam por entender melhor as raízes e identidades que formam a história do Piauí, do Brasil e da Arqueologia.



AM 710

O que é Arqueologia?

Então, o que é arqueologia mesmo? É uma pergunta que tem várias respostas! Afinal, ao longo do tempo, muita gente definiu arqueologia de jeitos diferentes. Um antropólogo chamado Robert Dannel disse uma vez: “Arqueologia foi definida muitas vezes de muitas maneiras diferentes, o que contribui muito para a confusão sobre o que realmente é”. Simplificando, a Arqueologia é a ciência que estuda a cultura material feita pelas pessoas, desde um passado recente até bem lá atrás. Estamos falando de cultura material que inclui ferramentas, potes, prédios antigos e até mesmo mudanças que elas fizeram no ambiente ao redor delas. Como arqueólogos e arqueólogas, investigamos como esses objetos, chamados de artefatos, e os lugares onde são encontrados, nos dizem sobre nossos antepassados, sua cultura, seus modos de ver e entender o mundo. A arqueologia é uma viagem no tempo, cujo objetivo é investigar o passado através de evidências encontradas. Arqueólogos escavam sítios, analisam artefatos, ossos e reconstruem paisagens antigas, ajudando-nos a entender como as sociedades antigas viviam e se desenvolviam. Além da Arqueologia, existe outra área que também estuda o passado, mas de maneira diferente. Trata-se da Paleontologia.



Paleontologia

A Paleontologia é como um grande quebra-cabeça que monta a história dos seres vivos que habitaram a Terra há milhões de anos. Os paleontólogos estudam os fósseis, que são restos de plantas e animais que viveram antigamente. Eles nos ajudam a entender como esses seres eram, como viviam e como evoluíram ao longo do tempo. Na Paleontologia, o foco são os fósseis. Os paleontólogos estudam os restos preservados de plantas, animais e até mesmo atividades que eles realizavam. Esses profissionais nos ajudam a entender como era a vida na Terra há milhões de anos e como tudo evoluiu até chegar ao que conhecemos hoje.

Onde encontramos fósseis?

Os fósseis podem ser encontrados em muitos lugares diferentes, até mesmo em nossa própria cidade. Eles podem estar em pedras, troncos petrificados ou até mesmo no chão das ruas. É incrível pensar que estamos rodeados por vestígios do passado o tempo todo!

Por que isso é importante?

Entender o passado nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos hoje. A arqueologia e a paleontologia nos ensinam sobre as nossas origens, sobre como as coisas mudaram ao longo do tempo e sobre como podemos preservar nosso planeta para o futuro.





Desmistificando a Arqueologia

Muita gente pensa que a arqueologia é tipo aqueles filmes do Indiana Jones, mas não é bem assim. Claro, tem uma dose de aventura, mas nosso trabalho é baseado em métodos científicos sérios. Às vezes, a arqueologia pode nos surpreender. Já encontramos artefatos que mudaram completamente nossa visão sobre o passado. Por exemplo, descobrimos que antigamente havia muitas comunidades indígenas na Amazônia, mesmo quando todos pensavam que era impossível se viver lá. Também é importante lembrar que a arqueologia não são só pirâmides e múmias. Aqui no Brasil, temos uma riqueza cultural enorme que merece ser valorizada. Precisamos dar destaque à nossa própria história, às nossas tradições, aos nossos povos indígenas, que são parte fundamental da construção de quem somos e da nossa história que foi apagada e/ou distorcida por muito tempo. Hoje em dia, muitos arqueólogos trabalham em parceria com comunidades indígenas para contar as verdadeiras histórias do Brasil. Nesse sentido, a arqueologia é uma ferramenta poderosa que nos ajuda a entender o passado e a valorizar nossa herança cultural.

Arqueologia no Brasil: Uma História em 5 Fases

- » **Influências Coloniais:** quando os europeus chegaram aqui, começaram a estudar o que encontravam. Naturalistas europeus, como Peter Lund, foram alguns dos primeiros a fazer pesquisas arqueológicas no país. Eles estavam interessados em muitas coisas, não só em objetos arqueológicos, mas também em rochas, plantas e animais.
- » **Apoio do Governo:** o imperador Dom Pedro II ficou interessado na história do Brasil e apoiou pesquisas arqueológicas uma vez que elas ajudavam a desvendar o passado. A partir desse conhecimento, ele identificava o que poderia ser usado para controlar a população. Ele queria entender melhor o país e também criar nas pessoas um senso de orgulho nacional.
- » **Era dos Museus:** período em que os museus passaram a ter mais importância no desenvolvimento dos estudos arqueológicos. Dessa forma, houve um movimento de expansão dessas instituições. É importante destacar que os objetivos e métodos dos estudos arqueológicos se transformaram conforme mudavam as dinâmicas políticas e sociais do Brasil.
- » **Arqueologia Acadêmica e Influência Estrangeira:** A partir de 1920, o Brasil começou a criar leis para proteger sítios arqueológicos e a trazer especialistas de outros países para ajudar nos estudos, já que não havia arqueólogos brasileiros nessa época.
- » **Arqueologia Moderna:** Nos anos 1980, a arqueologia no Brasil começou a se organizar melhor. Surgiu a Sociedade Brasileira de Arqueologia e a prática arqueológica foi regulamentada. Hoje, a arqueologia no Brasil é mais diversificada e politizada.





Arqueologia no Piauí: Um Patrimônio Importante

Quando falamos de arqueologia no Brasil, não podemos esquecer do Piauí. O estado tem muitos sítios arqueológicos importantes, como os sítios que são encontrados no Parque Nacional Serra das Confusões, no Parque Nacional Serra da Capivara e no Parque Nacional Sete Cidades. Esses lugares nos ajudam a entender melhor como era a vida das pessoas que viveram aqui muito tempo atrás. A arqueologia no estado do Piauí também nos ajudou a desconstruir o equívoco histórico de que não havia indígenas por aqui. Os estudos arqueológicos mostram que isso não é verdade, mostram como era diversa e rica a cultura dos primeiros habitantes do estado.



Arqueologia na Prática: Como Funciona?

- » Pesquisa de Campo e Escavações: os arqueólogos frequentemente cavam em sítios arqueológicos para encontrar e estudar artefatos e estruturas antigas. Isso ajuda a entender como as pessoas da época viviam.
- » Conservação e Preservação do Patrimônio: os arqueólogos trabalham para proteger sítios arqueológicos e artefatos de danos e destruição. Isso envolve fazer planos de gestão, monitoramento de condições ambientais e principalmente implica o envolvimento da comunidade local.
- » Análise de Artefatos: o estudo de artefatos encontrados auxilia no entendimento de como eram usados, como foram feitos e qual era a sua importância para a sociedade que o produziu.
- » Pesquisa Teórica e Interpretação: além das escavações, os arqueólogos também fazem muita pesquisa teórica para entender o passado humano. Isso envolve analisar padrões culturais, práticas de enterro e muito mais.
- » Arqueologia Pública e Educação: também trabalhamos em projetos para compartilhar nosso conhecimento com o público. Isso pode incluir exposições em museus, programas educacionais e até mesmo postagens em redes sociais.

A arqueologia não é só estudar o passado, é também entender como ele é importante para nós hoje em dia.



O Sítio Ininga: Uma Descoberta na UFPI

Vocês sabiam que há um sítio arqueológico dentro da Universidade Federal do Piauí (UFPI)? Ele fica no Centro de Ciências Agrárias (CCA). O local serve como uma espécie de laboratório para os alunos de arqueologia. Descobrir esses lugares é sempre emocionante, pois cada artefato encontrado dá novas informações sobre as pessoas que viveram em diferentes tempos e contextos. O sítio Ininga é um desses lugares especiais. Descoberto por um aluno de arqueologia em 2016, foi logo cadastrado no CNSA e está protegido pela Lei 3.924/1961. Muitos teresinenses nem sabem que ele existe, mas está lá próximo à área de zootecnia do campus. Esse sítio foi classificado como arqueológico devido aos materiais cerâmicos e líticos encontrados na superfície. E como foi descoberto? Por estar em uma área agrícola, o solo era frequentemente arado e os artefatos surgiram na superfície, sendo assim detectados pelos alunos. Apesar da descoberta em 2016, as escavações só começaram em setembro de 2018, revelando artefatos de três diferentes períodos históricos: pré-cerâmico, cerâmico intermediário e histórico. As cerâmicas encontradas, reconhecíveis pela forma como foram produzidas, indicam que grupos Tupi passaram por ali. Para dar aos alunos a oportunidade de explorar e conhecer esse tipo de conteúdo, foi criado um projeto para transformar o sítio em uma espécie de sítio-escola. Os materiais retirados do local são organizados e analisados no laboratório de tecnologia da UFPI.

EST. ININGA
SONDAGEM GA/B
PROFUNDIDADE:
80cm/100cm



Entendendo o Patrimônio Cultural Brasileiro

Vamos explorar o significado do Patrimônio Cultural Brasileiro e por que ele é tão importante para nós. O que significa “patrimônio” na história e na arqueologia? Refere-se a um conjunto de artefatos que estão ligados à identidade, cultura e história de um grupo de pessoas. Isso inclui construções, composições como histórias e canções. É uma espécie de memória viva de um povo que revela como eles viviam, o que valorizavam e como se expressavam. Existem dois tipos principais de patrimônio: o material e o imaterial. O patrimônio material é o que podemos ver e tocar. São construções históricas, como igrejas e portos. No Piauí, por exemplo, há muitas igrejas antigas que dizem sobre a história das vilas que cresceram ao redor das capelas. Já o patrimônio imaterial é tudo que não se pode segurar ou tocar, mas que são igualmente importantes. São as histórias que contamos, as músicas que cantamos e até mesmo os jeitos tradicionais de fazer algo. Aqui no Piauí, a cajuína e festividades como o carnaval são exemplos disso.

O Brasil é um lugar muito diverso, com muitas culturas diferentes se misturando ao longo do tempo. O carimbó, por exemplo, é uma dança do Pará que se originou da mistura de influências indígenas e africanas. A capoeira, elemento importante da nossa cultura, é uma mistura de arte marcial, dança e música. Proteger nosso patrimônio é importante para que as futuras gerações também possam conhecer, apreciar e valorizar nossa história e cultura. Cada um de nós pode ajudar a preservar esses bens para o futuro.



Explorando a Arte Rupestre Brasileira

A arte rupestre, que consiste em registros vívidos do passado em paredes de cavernas, abrigos rochosos e outros locais naturais, é uma das formas mais antigas e fascinantes da expressão humana. Ao longo dos anos, as representações artísticas pré-históricas têm se tornado mais acessível, encontrando espaço nos currículos escolares e despertando o interesse de muitas pessoas. Essas pinturas e gravuras nos fornecem uma visão única das sociedades antigas, mostrando como viviam, caçavam, dançavam e se relacionavam com o mundo ao seu redor. É como se pudéssemos espiar diretamente no passado distante e testemunhar a criatividade e a espiritualidade das primeiras culturas humanas. Muitas vezes, as representações em arte rupestre são de animais, como bisões, cavalos e cervos, que eram vitais para a sobrevivência dessas comunidades. Mas também encontramos cenas da vida cotidiana, rituais mágicos, símbolos abstratos e muito mais. Essas pinturas não são apenas obras de arte, são janelas para o passado, oferecendo pistas sobre as crenças, práticas sociais e rituais dessas antigas civilizações. Algumas teorias sugerem que a arte rupestre estava ligada a rituais xamânicos, enquanto outras afirmam que era uma forma de exercer controle mágico sobre a caça. A diversidade da arte rupestre ao redor do mundo é incrível. Desde as pinturas policromáticas nas cavernas da França até as gravuras geométricas do Brasil, cada cultura deixou sua marca única na história da arte. No entanto, entender completamente o significado e o propósito por trás dessas obras pode ser um desafio. É por isso que os arqueólogos e pesquisadores continuam a estudar e analisar a arte rupestre, buscando novas interpretações e informações sobre o passado humano. À medida que aprendemos mais sobre essas expressões antigas, também aumenta nossa responsabilidade de proteger e preservar esses preciosos registros do passado para as gerações futuras. Afinal, a arte rupestre não é apenas parte da história da humanidade, mas também parte de nossa herança cultural e patrimônio compartilhado.

Levando a arqueologia a diversos públicos

O acesso à arqueologia é uma estratégia empolgante para tornar a pesquisa e a divulgação mais acessíveis e envolventes. No ambiente acadêmico, surge uma discussão crucial: como levar o conhecimento arqueológico para além dos muros da universidade? É essencial tornar essas informações acessíveis e cativantes para diferentes públicos, desde crianças, adolescentes e adultos pertencentes à área ou não, ou seja, a população em geral. Para alcançar esse objetivo, a arqueologia tem buscado formas alternativas de apresentar suas descobertas, visando torná-las mais atrativas e relevantes para diversos públicos. Através dessas iniciativas, a arqueologia procura mostrar que vai além dos estereótipos apresentados em filmes e mídias populares. Ela é uma disciplina dinâmica, dedicada a dar voz ao passado e a descobrir significados esquecidos por meio dos vestígios que encontramos. Mas como isso se traduz na prática? Uma das estratégias é a criação de documentários direcionados ao público geral, oferecendo uma visão acessível sobre a disciplina, explicando desde o que é arqueologia até a importância da preservação de sítios. Outra estratégia é possibilitar o contato direto do arqueólogo com as comunidades, por meio da educação patrimonial de forma que aproxime as pessoas do seu próprio passado.





Conhecendo alguns campos da arqueologia

Arqueologia Sensorial

A Arqueologia Sensorial nos convida a explorar o passado por meio dos nossos sentidos - tato, paladar, olfato, visão e audição. Em vez de se concentrar apenas em análises visuais e em técnicas de laboratório, essa abordagem busca reconstruir as experiências sensoriais das pessoas que viveram em diferentes épocas. Compreender a Arqueologia Sensorial pode parecer um pouco complexo inicialmente. Os arqueólogos que se dedicam a esse campo vão além dos métodos tradicionais, buscando enxergar o mundo de formas diversas, dependendo do contexto cultural e social em estudo. É como se estivéssemos olhando o passado através dos olhos, ou melhor, dos sentidos das pessoas que o viveram. Imagine encontrar uma série de chocalhos em uma antiga comunidade em que à primeira vista, podemos simplesmente vê-los como itens musicais ou ritualísticos. No entanto, pela perspectiva da Arqueologia Sensorial, esses objetos ganham uma nova dimensão. O som que produzem pode indicar hierarquias sociais - chocalhos com sons mais graves poderiam representar pessoas de menor status, enquanto os de som mais agudo poderiam pertencer a indivíduos mais influentes. Outro exemplo fascinante está na arquitetura. A forma como um auditório é construído pode favorecer a acústica, como nos famosos teatros gregos. A disposição das pedras, a inclinação do terreno - tudo isso influencia na experiência sensorial do espaço. A pintura rupestre é outro exemplo intrigante. A luz de uma fogueira próximo ao paredão rochoso pode dar vida às figuras nas rochas, criando uma ilusão de movimento. Isso só foi possível de perceber quando os pesquisadores mudaram sua perspectiva, alterando a forma como viam as pinturas. A Arqueologia Sensorial nos leva a repensar como nos relacionamos com o mundo material e imaterial. Esse campo nos ajuda a entender que diferentes povos têm diferentes formas de perceber e interpretar o mundo ao seu redor. No Brasil, esse campo está crescendo a partir da elaboração de projetos que visam explorar a sensorialidade de povos indígenas, colonizadores europeus e comunidades afro-brasileiras. Por fim, os sentidos são ferramentas poderosas que nos conectam ao passado de maneira surpreendente. Ao integrá-los à análise arqueológica, podemos ampliar nossa compreensão da experiência humana e enriquecer nossa relação com o mundo que nos cerca.



Arqueologia Subaquática

A Arqueologia Subaquática estuda vestígios humanos submersos, como naufrágios, cidades inundadas e artefatos em corpos d'água, além de sítios relacionados a esses contextos. Aqui, combinamos métodos da arqueologia tradicional com tecnologias específicas para ambientes aquáticos, tanto em água doce quanto salgada. Rambelli (2002) destaca que a arqueologia subaquática é uma especialização da arqueologia que exige treinamento específico para se trabalhar em ambientes molhados e adaptação de técnicas já que os materiais encontrados nessas condições geralmente estão bem preservados devido à falta de oxigênio. Por exemplo, a conservação dos artefatos é desafiadora, pois itens submersos podem se deteriorar rapidamente ao serem expostos ao ar e métodos como dessalinização e estabilização química são essenciais para preservá-los. A arqueologia subaquática é crucial para entender nossa história, revelando informações que muitas vezes não estão disponíveis na arqueologia terrestre, como rotas comerciais antigas e aspectos culturais das sociedades antigas. Além disso, conhecer esses sítios é essencial para promover sua preservação.

Explorando os Sítios Arqueológicos Submersos

É mais comum ouvirmos falar sobre a Arqueologia em terra firme, mas os sítios submersos também são muito importantes. Assim como em terra, encontramos artefatos debaixo d'água que são importantes para a compreensão da história da humanidade. Os arqueólogos mergulham para descobrir, analisar e avaliar o que está embaixo d'água, fazendo descobertas sobre locais que foram inundados, naufrágios, artefatos intencionais ou acidentais. Os artefatos subaquáticos podem incluir embarcações naufragadas, objetos lançados intencionalmente ou depositados em rituais que podem indicar sobre atividades sociais de sociedades antigas. Estes sítios podem ser encontrados em rios, lagos, mares, oceanos e pântanos.



Explorando os Diferentes Tipos de Sítios Submersos

- » Naufrágios: são evidências de acidentes com embarcações, desde pequenas canoas até transatlânticos. Esses sítios preservam a história das embarcações, suas técnicas de construção e o cotidiano das pessoas a bordo.
- » Santuários ou Depósitos Rituais: locais onde artefatos são depositados em rituais de oferenda. Esses sítios refletem a relação das sociedades com a água e a espiritualidade.
- » Sítios Depositários ou de Abandono: locais com artefatos abandonados ou perdidos, muitas vezes associados a áreas portuárias ou áreas onde a água avançou sobre a terra.
- » Sítios Terrestres Submersos: sítios arqueológicos que ficam embaixo da água devido a mudanças naturais, como elevação do nível do mar ou rebaixamento do solo.

A arqueologia subaquática nos oferece uma perspectiva única da história humana, revelando segredos que estão debaixo d'água. Esses sítios são tesouros que devemos preservar e explorar para entender melhor nosso passado e construir nosso futuro.





Bioarqueologia

A Bioarqueologia é uma disciplina voltada para a reconstrução do passado através do estudo de restos biológicos humanos recuperados em contextos arqueológicos. É uma espécie de investigação que olha para os ossos e dentes das pessoas que viveram antigamente com vistas a conhecer o modo e as condições de vida das populações do passado. No Brasil, existem leis que protegem esses remanescentes humanos, como o artigo 210 do código penal brasileiro que proíbe a profanação de sepulturas ou urnas funerárias e o artigo 212 que proíbe condutas como o vilipêndio de corpos. Aqui, no Piauí, temos muitos exemplos de pesquisas de bioarqueologia, sendo a Professora doutora Claudia Cunha, da Universidade Federal do Piauí, uma das principais referências nessa área. Os bioarqueólogos conseguem saber muito sobre a vida das pessoas do passado por meio do estudo de ossos e dentes delas. Os pesquisadores podem descobrir sobre a saúde e as doenças que essas pessoas tinham, como a peste bubônica que foi uma doença muito comum na Europa séculos atrás. Além disso, eles podem entender sobre a nutrição das pessoas antigas, baseando-se em marcas nos ossos que podem revelar a falta de certos nutrientes na dieta delas. E podem até descobrir o tipo de trabalho que elas faziam, olhando, por exemplo, para alterações na forma e robustez dos ossos. Outro ponto importante é que os pesquisadores podem identificar como essas pessoas eram tratadas na sociedade, se eram bem cuidadas ou não e até mesmo verificar se havia violência entre elas, olhando para sinais de brigas nos ossos. Essa análise bioarqueológica é fundamental para entendermos como era a vida das pessoas antigas. Ela nos ajuda a preencher os buracos na história e nos dá uma visão mais completa de como essas sociedades evoluíram ao longo do tempo.



Arqueometria

A Arqueometria é uma disciplina que se dedica à investigação científica de materiais arqueológicos, como cerâmicas, ossos, sedimentos e muito mais. Utilizando conhecimentos de química, física, biologia, matemática e outras áreas, ela se torna extremamente multidisciplinar.

Basicamente, a Arqueometria engloba seis etapas principais:

- » Prospecção arqueológica
- » Escavação arqueológica
- » Exames e análises de materiais arqueológicos
- » Tratamento de dados
- » Datação das ocupações humanas
- » Conservação e restauração do patrimônio cultural

Essa área desempenha um papel fundamental na arqueologia, fornecendo ferramentas e métodos científicos que enriquecem a pesquisa do patrimônio arqueológico. Através da análise detalhada da composição química, estrutura e propriedades físicas de artefatos e materiais, os pesquisadores obtêm informações valiosas sobre sua origem, fabricação e uso. Além disso, contribui para a datação precisa de materiais, auxiliando na compreensão da cronologia dos sítios arqueológicos e períodos culturais.

Na Arqueometria, existem várias técnicas utilizadas para analisar a composição química de pinturas rupestres e artefatos. Essas técnicas são essenciais para compreender a origem, fabricação e contexto de uso desses materiais. Além disso, existem métodos de datação que desempenham um papel crucial na arqueologia. Um exemplo é a datação por radiocarbono, mas também existem outras técnicas como a termoluminescência e a datação por potássio-argônio. A Arqueometria é fundamental para a compreensão do passado, contribuindo para a identificação de materiais, o monitoramento de sítios arqueológicos e a preservação do patrimônio cultural. É uma área apaixonante que enriquece significativamente as pesquisas arqueológicas, fornecendo uma base sólida de dados científicos para a interpretação e valorização do legado humano.



Preservando o Passado: Leis e Regulamentos para a Conservação dos Sítios Arqueológicos

A preservação do Patrimônio Arqueológico é fundamental para entendermos nossa história e cultura. Para garantir isso, existem leis que protegem esses patrimônios. Na década de 1930, iniciativas para proteger nosso patrimônio começaram a ganhar força. A cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, foi declarada monumento nacional em 1933, devido à sua importância histórica. No ano seguinte, o governo federal criou a Inspetoria dos Monumentos Nacionais para promover ações de restauração. A Constituição Federal de 1988 reconhece o patrimônio arqueológico como parte essencial da nossa cultura. O documento diz que é responsabilidade do governo e da comunidade proteger esses patrimônios. Além disso, a constituição declara que os sítios arqueológicos são bens da união. A Lei nº 3.924 de 1961 também protege nosso patrimônio arqueológico. Ela proíbe a destruição ou exploração econômica de sítios arqueológicos antes de serem devidamente estudados. É necessário obter autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para realizar pesquisas arqueológicas. O IPHAN, criado em 1936, tem o papel de fiscalizar e proteger os bens culturais do país e é responsável por moderar danos aos patrimônios e advertir quem os danificar. Além das leis nacionais, existem as cartas patrimoniais, como a Carta de Atenas, a Carta de Veneza e a Carta do Restauo. Esses documentos estabelecem diretrizes para a preservação, conservação e restauração do patrimônio cultural em nível internacional.

Para garantir a preservação dos sítios arqueológicos, é importante envolver a comunidade local na conscientização sobre sua importância. Também é essencial monitorar constantemente esses locais e desenvolver planos de gestão específicos para cada um deles. Essas estratégias, juntamente com a aplicação adequada das leis e o compromisso contínuo com a conservação, ajudam a proteger nossos sítios arqueológicos para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, 2004.

BAPTISTA, E. M. D. C.; NASCIMENTO, T. S. D. Acidentes com Embarcações no Litoral do Piauí: Possibilidade de diálogo entre geografia e história ambiental. *Fronteiras Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 4, p. 313-327, 2015.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. *Revista da USP*, 44: 32-51, 1999-2000.

BICHO, N. F. Manual de Arqueologia Pré-histórica. Cap. 10. A Fauna: 333-360. Edições 70, Lisboa, 2006.

BROCHADO, José P. An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America. Tese (Doutorado em Arqueologia) - University of Illinois, Urbana, 1984.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte et al. Análise arqueométrica de pintura rupestre do sítio Poções, Bahia, Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 22, n. 2, p. 95-103, 2009.

CAVALCANTE, Luis Carlos; GOMES TOSTES, Victor Hugo. ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA DE OCRES AMARELOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO ATLAS, BRASIL. *Arqueologia Iberoamericana*, v. 45, 2020.

CENOTE SAGRADO. Chichen Itza. Yucatan México. 2024. Disponível em: <https://www.chichenitza.com/pt/cenote>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CHARTIER, R. A História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CORRÊA, Ângelo Alves. Pindorama de mboia e ìakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi: 10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640.

DA SILVA, Bruno Sanches Ranzani. Das ostras, só as pérolas: Arqueologia pública e Arqueologia Subaquática no Brasil.

DE SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça et al. Tocas do Gongo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil: uma bioarqueologia retrospectiva. Revista de Arqueologia, v. 24, n. 2, p. 30-49, 2011.

DUARTE-CAVALCANTE, Luis Carlos et al. Pedra do Cantagalo I: uma síntese das pesquisas arqueológicas. Arqueologia Iberoamericana, v. 23, p. 45-60, 2014.

DUNNEL, Robert C. Classificação em Arqueologia. EdUSP, 2007.

FARIÑA, R. A. Os gigantes pleistocênicos dos pampas. Sociedade Brasileira de Mastozoologia, Rio de Janeiro, v.54, n.2, p.1-7, abr. 2009.

FREIRE, Jorge. DIVULGAR O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DE CASCAIS (PORTUGAL): OSEXEMPLOS DOCLIPPER THERMOPYLAE E DONAVIODESALVAMENTO PATRÃO LOPES. ESTRATÉGIAS DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO. Revista Temporis [ação] (ISSN 2317-5516), v. 17, n. 1, p. 121-139, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo A. "O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial". Revista de História 135 (1996): 163-168.

GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

GUERRA, V. E. C., NAS, A. E. R., IBÉRICAS, C. M., THOMAS, T., LÁ DE RURAL, U. U. P., PARTICULARIDADES, A., ... & CARNAÚBA DOS DANTAS, R. N. Dossiê: Estudos em Arqueometria.

IBIAPINA, Roniel de Araujo. "No meio do caminho tinha uma pedra: O Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro em Boa Hora - Piauí. História Cultural. Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar. Teresina. 2012.

International Commission of Stratigraphy, 2023. Disponível em: <https://stratigraphy.org/>. Acesso em: 04 de fev. 2024.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; FARIAS FILHO, Benedito Batista. Arqueometria aplicada à conservação de sítios de arte rupestre. Cadernos do LEPAARQ (UFPEL), v. 15, n. 30, p. 327-343, 2018.

LARSEN, Clark Spencer. Bioarchaeology in perspective: From classifications of the dead to conditions of the living. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 165, n. 4, p. 865-878, 2018.

MAGALHÃES, Sônia Maria Campelo. A arte rupestre do centro-norte do Piauí: indícios de narrativas icônicas. 2011. 457f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

MOURA, Maria Laídes Braga. A arte rupestre no currículo e no livro didático das escolas de ensino fundamental II de Cruzeiro do Sul - Acre. 2018. 35 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Cruzeiro do Sul - Acre, 2018.

MURARA, P. Caracterização dos mamíferos da megafauna na região sul do Brasil. *Revista Espaço e Geografia*, v. 26, 2023.

PELLINI, José Roberto. Onde está o gato? Realidade, arqueologia sensorial e paisagem. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 9, n. 1, p. 17-32, 2011.

PELLINI, José Roberto. Arqueologia com sentidos: uma introdução à Arqueologia Sensorial. *Revista Arqueologia Pública*, v. 9, n. 4 [14], p. 1-12, 2015.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RAMBELLI, G. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Maranta, 2002.

SACHETT, Barbara Mourão. PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO: O NAUFRÁGIO DO SS MAIDEN À LUZ DA CONVENÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DIREITO DO MAR (CNUDM) E DA CONVENÇÃO DA UNESCO SOBRE A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO. *Revista Juris UniToledo*, v. 3, n. 04, 2018.

SARTORI, Marcelo Vanzella et al. Uma interpretação da Convenção UNESCO de 2001 sobre proteção do patrimônio cultural subaquático: reflexões acerca do direito internacional e do direito brasileiro. 2015.

SILVA, Fabiane da Costa Gaspar da et al. *Obrigações em tempos de paz dos Estados Partes das Convenções da Unesco para proteção internacional do patrimônio cultural*. 2023.

SOBRAL, P. P.; TAVARES, A de A C.; RIOS, C. Localização de Sítios Depositários em Pernambuco: Um Estudo Arqueológico Subaquático Sob a Ótica das Atividades Comerciais. FUMDHAMentos, vol. XV, n. 1, p. 119-140, 2018.

SOLARI, Ana; SILVA, S. F. M. S.; MELLO, S. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológicos de práticas mortuárias complexas em esqueleto humano coletado no abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. CLIO–Arqueológica, 30 (2015): 99-119.

THIESEN, Beatriz Valladão; POUQUET, Martial. Nem Tempo, nem Método. Nem História, nem Antropologia. O que é Arqueologia?. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 6, n. 1, p. 13-13, 2018.

Tomaz, P. C. A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA TRAJETÓRIA NO BRASIL. Fênix - Revista De História E Estudos Culturais, 7(2), 1–12, 2010. Recuperado de <https://revistafenix.emnuvens.com.br/revistafenix/article/view/260>.

